

## RESENHA – CONSPIRACY THEORIES AND THEIR BELIEVERS

## BOOK REVIEW – CONSPIRACY THEORIES AND THEIR BELIEVERS

## RESEÑA DEL LIBRO – CONSPIRACY THEORIES AND THEIR BELIEVERS

Mário Jorge de Paiva

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7158-4371>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.66299

A obra de Daniel Stockemer e Jean-Nicolas Bordeleau (2025), *Conspiracy Theories and Their Believers*, é um estudo teórico e empírico sobre teorias da conspiração, que apresenta o tema de forma introdutória, dialogando de forma relevante com uma série de eventos do mundo contemporâneo. Enquanto pontos positivos, vê-se um esforço em entender a bibliografia existente e em criar uma pesquisa quantitativa sobre o tema. Mas, em relação aos pontos negativos, há certas limitações de tal estudo, assim como lacunas que poderiam ser sanadas em estudos mais longos e detalhados dos casos.

O livro começa com uma introdução que lembra como, mesmo após o ex-presidente Barack Obama ter liberado uma cópia de sua certidão de nascimento em 2011 - mostrando que nasceu no Havaí -, 20% dos americanos ainda achavam que Obama tinha nascido fora do país. Esse não é um fenômeno isolado: a própria história dos Estados Unidos é cheia de teorias da conspiração, do assassinato de J. F. Kennedy, à perseguição comunista do McCarthyism, até hoje, com os grupos que falam da Big Lie - a alegação de que a eleição de Donald Trump teria sido roubada pela gestão Joe Biden. Algumas teorias são globais, outras mais regionais, e algumas partem de negacionismos diante de algum fator social. Como definição, pode-se dizer que elas partem de um evento real, mas que oferecem uma visão alternativa, não verdadeira ou não confirmada, dos eventos.

Os motivos de se espalhar tais notícias envolvem desde uma deslegitimação dos oponentes até a tentativa de explicar um evento que parece inexplicável. Essas teorias podem enfraquecer índices de confiança nas democracias, incitar polarização e, até mesmo,

ser um gatilho para violência. Aqui é difícil não correlacionar com Olavo de Carvalho no caso do Brasil (cf. Paiva, 2021a, 2021b, 2024; Azevedo & Paiva, 2022).

Os autores falam de dois grandes campos de estudos sobre teorias da conspiração: um aborda a forma como elas se espalham; o segundo campo tenta traçar um perfil das pessoas que acredita em tais teorias, lembrando como a *internet* ajudou na disseminação dessas informações.

Sobre os estudos existentes, os pesquisadores acham que ainda há muitas análises sobre os Estados Unidos, enquanto há poucas sobre outros países - como Alemanha e Brasil -, e menos ainda estudos comparativos.

A pesquisa que eles traçaram se baseou em um *survey* chamado *Comparative Conspiracy Research Survey (CCRS)*, um estudo original colocado em campo entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023. Eles recortam Austrália, Canadá, Alemanha e Estados Unidos de um lado, com representantes de um grupo chamado *Western Cases*; de outro lado, elencaram mais 4 democracias emergentes - Brasil, Líbano, Marrocos e África do Sul. Aqui entra nossa primeira grande discordância ao livro: chamar o Brasil de *Non-Western Case* é problemático, mesmo que exista uma bibliografia que possa legitimar tal escolha.

O segundo capítulo, *Definition, History, and Conspiracy Theories We Cover*, fala da ideia que ocorria, com frequência, de uma pessoa ou grupo ser responsável por uma tragédia ou evento danoso. Há um elemento do segredo e da ação de um grupo fechado: mesmo que seja importante frisar tal diferença entre uma conspiração e uma teoria da conspiração, ninguém está dizendo que não existam conspirações.

Teorias da conspiração podem ganhar força em tempos difíceis e de ansiedade, e já existem há séculos. Em Roma, já havia tais teorias; de um lado, vê-se como Nero foi acusado de incendiar a cidade no ano de 64 d. C, e, do outro lado, o próprio Nero usou uma teoria da conspiração para dizer que foram, na verdade, os cristãos que incendiaram Roma. Teorias antissemitas, disseminadas pelo cristianismo, também foram muito comuns ao longo da história. Enfim, muita coisa aconteceu até chegarmos ao QAnon - falando de uma elite de pedófilos satânicos *vampirizando* crianças, enquanto Trump lutaria bravamente contra isso.

Um último conjunto grande de teorias da conspiração parece ter envolvido a questão da COVID e do aquecimento global. Um ponto importante que o livro trata é como essas

abordagens podem matar, indo desde o ceticismo diante de tratamentos médicos, seja de COVID ou AIDS, até o caso de Anders Behring Breivik, que usou o marxismo cultural como pretexto para assassinar dezenas de pessoas em Oslo.

Depois disso, os autores falam um pouco do cenário de país por país, dentro de seu recorte de pesquisa. Porém, acreditamos que eles poderiam ter tido aqui um contato maior com a realidade do Brasil, porque não abordaram, por exemplo, os que não acreditam na facada que o Bolsonaro levou ou como Bolsonaro, ao contrário de Trump, ficou inelegível por ação do Supremo Tribunal Eleitoral - algo que nos soa relevante, afinal isso altera os rumos eleitorais do país.

O capítulo 3, *How widespread are conspiratorial beliefs?*, apresenta, mormente, os dados da pesquisa em questão. As seções de metodologia, recorte, relevância estatística etc. poderiam estar mais desenvolvidas, contudo há dados interessantes. Austrália apresenta níveis elevados de pessoas que acreditam em teorias da conspiração. Brasil, independente de sua grande polarização, possui índices bem moderados de pessoas que acreditam nisso - talvez a própria polarização tenha ajudado no combate contra as teorias bolsonaristas. Alemanha, mesmo apresentando nuances, possui baixos índices de adeptos, principalmente no que tange aos tópicos mais radicais, *vide* que os judeus teriam sido responsáveis pela 2ª Guerra Mundial ou que Hitler não teria morrido na guerra. África do Sul possui níveis altíssimos quando se trata de teorias sobre a questão da AIDS: mais de 40% indicaram acreditar que há uma cura secreta e 20% das pessoas estão incertas sobre o tema. Os Estados Unidos possuem os níveis mais elevados, dentro dos países ocidentais.

O capítulo encerra com algumas considerações sobre possíveis vieses existentes na pesquisa, que alterariam o resultado dos dados quantitativos, como um viés social do tipo *politicamente correto*, em que a pessoa sabe que o correto é responder não acreditar em teorias da conspiração, etc.

Mesmo com distorções esperadas em uma pesquisa quantitativa, toda pesquisa quantitativa possui alguma imperfeição, algum viés, há uma preocupação aqui com os altos índices, pois algumas teorias recebem mais de 20% ou 30% de apoiadores, o que significa milhões de pessoas se pautando em alegações infundadas. Logo, eles concluem que se uma parte grande dos cidadãos não conseguem distinguir a ficção da realidade nossa democracia está ameaçada, porque muitas forças que propagam tais mentiras também rejeitam o modelo de democracia liberal.

O capítulo 4, *Who believes in Conspiracy Theories?*, continua apresentando os resultados da pesquisa. Aqui são apontados vários elementos para traçar correlações, *vide* fatores sociopolíticos (educação, *status* econômico, ideologia política, atitudes populistas, satisfação com a democracia, religião), fatores psicológicos (autoestima, *need for closure*<sup>1</sup> e mesmo um índice de *negatividade*)<sup>2</sup> e questões demográficos (gênero, idade e local de residência, urbano ou rural). Falam também da possibilidade dessas pessoas terem um *viés de confirmação* e de como uma teoria da conspiração pode puxar outras.

O resultado é que os países ocidentais seguiram padrões parecidos, já os outros países recortados talvez tenham outras variáveis mais adequadas para futuros estudos. No caso da Austrália vemos um perfil jovem, de direita, pouco satisfeito com o governo democrático, religioso e que possui baixa autoestima. Nos Estados Unidos os que acreditam em tais teorias também são mais jovens, de direita, possuem atitudes populistas, e baixa autoestima, igualmente tendo correlação o tópico religioso e esse grau de insatisfação com o modelo democrático. O Brasil seguiu padrão parecido, são pessoas de direita, com atitudes populistas, religiosas e de baixa autoestima; a questão etária é que se mostrou menos significativa, logo aqui acreditamos que isso envolve um fator não comentado em tal livro, os idosos reacionários que são saudosos da Ditadura Militar, mas, claro, nossa leitura precisaria ser testada futuramente também. A Alemanha continua esse padrão - em que em tal país a educação formal é um freio maior contra essas teorias e as mulheres alemãs também parecem menos predispostas nessas crenças. Já no Líbano, tal referência estatística não é seguida e Marrocos igualmente vai contra os modelos imaginados. África do Sul, mesmo com um padrão um pouco mais claro que tais antecessores, também não segue o modelo *ocidentalizado* estudado; a história do *Apartheid* e a desconfiança da população em relação aos brancos teria criado um quadro social e político diferente.

O último capítulo, *Conclusion and implications*, termina sendo mais uma revisão do que foi feito. É falado, novamente, como é preocupante que, em certas ocasiões, uma parte considerável da sociedade acredite em uma ficção infundada, o caso dos Estados Unidos aponta melhor como isso pode se tornar uma pressão enorme para o modelo de democracia existente.

---

1 Desejo por uma resposta clara e problema com ambiguidades.

2 Pessoas com baixa autoestima podem ser mais negativas, e teorias da conspiração usam essa negatividade ao falarem de sinistras forças ocultas etc.

Em certos países, como vimos, o poder explicativo das correlações foi menor e talvez outras variáveis fossem úteis. Futuros estudos, os pesquisadores dizem, também deveriam se aprofundar comparativamente nos casos da Ásia, América Latina e Leste Europeu.

De uma forma geral, é um trabalho introdutório útil para quem precisa de um ponto de partida nos estudos das Teorias de Conspirações, mesmo com limitações e pontos questionáveis, *vide* a questão do Brasil ser lido como um país fora do Ocidente. Há uma boa pesquisa bibliográfica e o estudo quanti dá corpo mais robusto ao material. Por tudo mencionado, o saldo final do livro é positivo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Gustavo Cravo; PAIVA, Mário Jorge de. Introdução para uma análise sobre o pensamento conservador brasileiro no período mais recente da presença obrigatória da Sociologia no Ensino Médio (2008-2018). *Educação UNISINOS (ONLINE)*, v. 26, p. 1-13, 2022.

STOCKEMER, Daniel; BORDELEAU, Jean-Nicolas. *Conspiracy Theories and their believers*. Reino Unido: Cambridge Press, 2025.

PAIVA, Mário Jorge de. Analisando a qualidade da democracia brasileira: a ascensão de Olavo de Carvalho como um reflexo da desconfiança política e da falta de accountability. *LEVIATHAN (SÃO PAULO)*, v. 17, p. 1-20, 2021a.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira*. 308 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021b.

\_\_\_\_\_. Olavo de Carvalho e as pautas LGBTI+: análise introdutória do artigo Mentiras gays. *REBEH, Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*. v. 7, n. 22, p. 1-23, 2024.

## SOBRE O AUTOR

**MÁRIO JORGE DE PAIVA** é doutor e mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é professor estadual, alocado na Diretoria de Ensino de Santos (SP), e membro da ABETH, Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura. E-mail: mariojpaiva91@gmail.com.